

Duarte Maria Monteiro de Babo Marinho - Recensão de *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IX^e-XV^e siècle)* - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 n° 1. 2019. 254-257. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r2

MOEGLIN, Jean-Marie (Dir.), PÉQUIGNOT, Stéphane (2017), *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IX^e-XV^e siècle)*, Paris, Presses Universitaires de France. ISBN 978-2-13-052787-9, 1106 pp.

Duarte Maria Monteiro de Babo Marinho
CEPESE-Universidade do Porto
babo.dmmbm@gmail.com

Durante boa parte do século XX a historiografia absteve-se de abordar, em profundidade, temas de História da Diplomacia. O desinteresse por questões relacionadas com a história factual, política e dos *grandes homens* ajuda a explicar essa realidade. Contudo, com a terceira geração dos *Annales* dá-se um *retorno ao político*, que se viria a efetivar nos anos de 1980 e a consolidar nas décadas seguintes. Devido a essa mudança de paradigma, teve início, *e.g.*, a publicação de vários estudos a respeito de *diplomacia* e de *relações internacionais* na Idade Média. De facto, na atualidade, essas investigações ocupam um lugar de destaque no debate historiográfico de vários países, ao qual Portugal não é alheio. Podemos dizer, portanto, que *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IX^e-XV^e siècle)*¹ é fruto dessa renovada linha de estudos, à qual Isabela Lazzarini denomina *Nova História da Diplomacia*².

Este ambicioso projeto veio ocupar o lugar que, durante c. de seis décadas, pertenceu a *Histoire des relations internationales. Le Moyen Âge*, surgido em 1953, pela mão de François Ganshof; atualmente com pouca expressividade, mas que durante vários anos se destacou como uma obra fundamental. Na verdade, o recente trabalho de Moeglin e Péquignot, além de colmatar uma lacuna historiográfica, reúne o essencial das publicações acerca da diplomacia medieval das últimas décadas. Mas não só. Como referem os autores, é importante salientar que este livro foi concebido como um complemento e um contraponto a dois volumes anteriores que, rapidamente, se tornaram clássicos. Os autores referem-se aos trabalhos de dois renomados medievalistas: Bernard Guenée e de Philippe Contamine. O estudo do primeiro incidiu

¹ Este livro já foi objeto de, pelo menos, três recensões críticas da autoria de Heribert Müller, Philippe Contamine e Isabela Lazzarini.

² LAZZARINI, Isabela (2018), “Notizie”. *Archivio Storico Italiano*, ano CLXXVI, n° 2, pp. 406-409.

Duarte Maria Monteiro de Babo Marinho - Recensão de *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IXe-XVe siècle)* - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 254-257. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r2

sobre a afirmação do Estado na Idade Média, questão incontornável às relações internacionais. O livro do segundo debateu a guerra medieval, «parce que la guerre est l'horizon ultime de toutes les relations entre princes et rois au Moyen Âge» (p. 12).

Das 1106 páginas que dão forma ao objeto desta recensão, 749 são dedicadas à análise do antigo sistema de relações internacionais numa longa duração: desde o início da queda do Império Carolíngio até ao alvorecer do Renascimento. (As restantes 357 páginas são dedicadas, essencialmente, à bibliografia). Sem embargo do volume apresentar uma cronologia tão dilatada, os autores focam-se, em grande medida, diacrónica e sincronicamente, na fase final da Idade Média: séculos XIV e XV. Consideramos a opção compreensível. É a partir desse período que surgem os primeiros contornos de modernidade e da autonomização do sistema diplomático.

Jean-Marie Moeglin e Stéphane Péquignot estruturaram a sua narrativa num livro organizado de forma exemplar. Além da introdução, o volume encontra-se dividido em três partes que, por sua vez, se desdobram em vários capítulos ou pontos (como é o caso da terceira parte). Da autoria de Moeglin temos a introdução, os capítulos 1, 3 e 5 da primeira parte e os capítulos 3 e 4 da segunda parte. Péquignot apresenta os seus textos nos capítulos 2 e 4 da primeira parte e nos capítulos 1 e 2 da segunda parte. A terceira parte, como já se referiu, corresponde à bibliografia. De facto, trata-se de um exaustivo repertório com 2946 entradas. Aí são apresentadas inúmeras fontes primárias (v.g. narrativas, literárias, tratados jurídicos, cartas e documentos de chancelaria e documentação epistolar) e secundárias (v.g. dicionários e instrumentos de pesquisa, resenhas e bibliografia a propósito de reflexões históricas de temas ligadas à política e diplomacia medieval).

Este variado conjunto de fontes inventariadas possibilitou que, neste volume, se abordassem e debatessem questões cruciais. Na primeira parte, intitulada de *État des savoirs*, Moeglin apresenta, longo no primeiro capítulo, uma perspetiva dos principais eventos político-diplomáticos da Europa ocidental, entre c. 830 a 1500. Posteriormente aborda-se outras questões, também elas fundamentais para a uma melhor elucidação das relações diplomáticas na Idade Média (p. 15-96). Péquignot, no segundo capítulo, debate três temáticas fundamentais que influenciavam o relacionamento diplomático: as possibilidades físicas das deslocações; as línguas empregues nos contactos

Duarte Maria Monteiro de Babo Marinho - Recensão de *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IXe-XVe siècle)* - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 254-257. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r2

internacionais; e a prática da escrita (p. 97-146). Moeglin, no terceiro capítulo, disserta acerca de um dos fatores-chave das relações internacionais daquele tempo: a *amizade*. Este era o substrato que permitia aos *príncipes* criar alianças defensivas e restaurar relacionamentos (p. 147-343). Chegados ao quarto capítulo, Péquignot aborda um tema que lhe é próximo: as embaixadas e os embaixadores. O autor fala-nos, de entre outros assuntos, da nomeação dos homens, da qualidade e dos custos das viagens e das transformações verificadas na Itália do século XV (p. 345-493). Por fim, o quinto capítulo incide nos tratados e nas relações internacionais na Idade Média. Este ponto introduz o leitor na fase final dos contactos diplomáticos: a conclusão de um tratado. (Os tratados tinham a sua doutrina e definição jurídica regulada, em particular, pelo Digesto) (p. 495-579).

A segunda parte do livro, intitulada de *Questions et débats*, é iniciada com um ensaio historiográfico da autoria de Péquignot. Nesse primeiro capítulo o autor debate inúmeras questões fundamentais, não só relacionadas com o estado da questão, mas também com a aplicabilidade de expressões como *diplomacia* e *relações internacionais* à Idade Média. A fechar o texto, dedica algumas linhas às possíveis perspetivas de investigação (p. 583-622). O mesmo historiador, no segundo capítulo, descreve e problematiza questões relacionadas com o controlo e disseminação das informações acerca do estrangeiro. Dados dessa natureza eram considerados essenciais para os *Governos* medievais. Com base neles podia-se influenciar o decurso das negociações diplomáticas, bem como a manutenção ou destabilização de outras regiões (p. 623-670). O terceiro capítulo, da autoria de Moeglin, apresenta reflexões a propósito da arbitragem e da negociação. De entre vários assuntos é referido que, para se obter um verdadeiro tratado, os embaixadores deviam contornar os equilíbrios de poder, de forma a assegurar concessões recíprocas que beneficiassem ambos os signatários (p. 671-718). Por fim, o quarto capítulo (do mesmo estudioso) incide na existência, ou não, de um direito internacional na Idade Média. Na verdade, o autor refere que o direito internacional, em vez de funcionar como um conjunto de regras e normas reconhecidas por todos, com a finalidade de regulamentar as relações entre os povos e as várias unidades políticas da Europa Ocidental, se tratava, basicamente, de uma *quimera* com referências pontuais ao *Ius Gentium*. De facto, a existência de um *Ius Gentium*

Duarte Maria Monteiro de Babo Marinho - Recensão de *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IXe-XVe siècle)* - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 254-257. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1r2

restringia-se ao reconhecimento de um *corpus* limitado de regras de boa-conduta, que não deveriam ser violadas. Na prática, as *relações internacionais* daquele tempo circunscreviam-se, essencialmente, ao relacionamento entre os *príncipes* e aos compromissos que assumiam a nível bi e multilateral, desde que esses lhes fossem úteis (p. 719-749).

Em síntese. *Diplomatie et «Relations Internationales» au Moyen Âge (IX^e-XV^e siècle)* é um contributo rigoroso e portador de grande riqueza de informações, essenciais para reposicionar a vasta quantidade de estudos a propósito da diplomacia medieval. Mas não só.... Revela-se, também, uma peça-chave para o debate historiográfico do tema, na medida que os autores elucidam o leitor sobre novas perspetivas de investigação.